

## LETRAMENTO E MINORIAS: LEITURA, PRODUÇÃO TEXTUAL E ANÁLISE LINGÜÍSTICA COM ALUNOS SURDOS DA 6ª SÉRIE DO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA

Claudilene de Sousa ALVES\* (Universidade Estadual do Piauí)

**RESUMO:** este trabalho foi realizado com alunos surdos em uma sala inclusiva abordando práticas de letramento no ensino de língua portuguesa junto à língua brasileira de sinais (LIBRAS), pois essa como as demais línguas é composta de todos os componentes de linguagem oral, como: elementos morfológicos, fonológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos. preenchendo assim os requisitos lingüísticos de uma língua, realizou-se uma prática da leitura coletiva entre os alunos surdos e ouvintes, mesmo sem que os ouvintes não conheçam a LIBRAS, mas com a escolha dos textos, a divisão de cada dupla (surdo e ouvinte) e ajuda da pesquisadora, os alunos em geral conseguiram realizar todas as leituras exigidas e ainda uma interpretação excelente quando aconteceu a verdadeira inclusão, pois os ouvintes utilizando sua voz e os surdos os sinais conseguiram interagir-se entre eles. Pode-se observar a capacidade de cada aluno surdo desenvolvendo interpretação e produção textual em sala, sem que o mesmo sintasse discriminado.

**PALAVRAS-CHAVES:** Surdo. Libras. Leitura. Escrita.

### Introdução

Durante anos, a prática educacional centrava-se no modelo tradicional, principalmente no ensino de língua portuguesa, pois os professores queriam ensinar regras gramaticais, e objetivavam que os alunos falassem “certos”. As aulas de português buscavam ensinar uma língua homogênea, pois o contexto educacional estava organizado de forma que todas as integrações eram realizadas muito mais pela escrita. Mas com o passar do tempo, vários professores perceberam que o ensino de língua não pode ser limitado a escrever eficazmente, e sim que, dentro de uma sala existe uma pluralidade de manifestações lingüísticas que podem favorecer na realização de leitura, produção textual e análise lingüística.

A esta limitação, surge o letramento que para Magda Soares (2004, p. 18) [...] “é o resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever o estado ou a condição que adquire um grupo social ou indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita”

Outra definição é dada por Leda Verdiani Tfouni (2007, p.20) “O letramento focaliza os aspectos sócio-históricos de aquisição de um sistema escrito por uma sociedade”.

Como se pode observar Soares (2004) e Tfouni (2007) convergem para um mesmo ponto: letramento no ensino de língua portuguesa é de uma extrema importância, pois, não focaliza somente escrever, mas também ao fato de que para se chegar a este processo, realiza-se uma interação global entre o meio social, histórico, cultural e escolar.

Como ensinar está relacionado à sociedade, não se pode deixar de mencionar a inclusão social, pois principalmente nas escolas crianças e jovens com necessidades educacionais especiais (NEE) constroem laços de solidariedade, compartilham idéias, pensamentos, amizades/

Com isso, escolas inclusivas desenvolvem práticas de ensino que incluem a todos sem deixar de respeitar as diferenças e limites de cada um quanto ao aprendizado.

Comungando com essas teorias, neste estudo o objetivo maior é investigar se os alunos surdos inseridos no meio ouvinte são capazes de aprender a língua portuguesa junto a sua língua materna, conviver e participar ativamente no contexto escolar, ou seja, interpretar, analisar e produzir textos, nele compreendidos os aspectos social, cultural e histórico.

## Letramento e surdez

Todas as práticas realizadas pelo indivíduo no meio social, cultural e histórico recebem o nome de letramento, tradução do inglês do termo literacy. Então, por ser uma palavra nova no uso da língua portuguesa, o termo letramento ainda quase não se encontra em dicionários e não detém um conceito único, o que não impede que o mesmo seja usado especialmente no meio acadêmico, relacionado a fenômenos que envolvem de alguma maneira a leitura e escrita, porém com uma diversidade de sentido bastante ampla mostrando a importância das perspectivas abordadas.

Com a incorporação do letramento no Brasil, vem-se modificando as definições de alfabetização/analfabetismo da UNESCO, Mortatti (2004) em 1978 define alfabetização como sendo:

a capacidade que uma pessoa tem para engajar-se em todas aquelas atividades em que o [(letramento)] é necessário para que ela funcione de modo efetivo dentro de seu grupo e comunidade e também para capacitá-la a continuar usando a leitura, a escrita e o cálculo matemático em prol de seu próprio desenvolvimento e do desenvolvimento de sua comunidade. Mortatti (2004, p.20)

Esse conceito demonstra bem as mudanças ocorridas em relação aos critérios de avaliação para que seja possível ser considerado alfabetizado ou não, ressalva-se uma insatisfação do ser humano, a este processo, era preciso mais que isso, então surge o termo letrado que recebe uma definição diferente do que se está registrado nos dicionários. Segundo Marcuschi (2001, p.25) "Letrado é o indivíduo que participa de forma significativa de eventos de letramento e não apenas aquele que faz um uso formal da escrita."

A este conceito observa-se que letrado e letramento estão vinculados, pois ambos envolvem-se em práticas sociais. Nas palavras de Soares (2004, p.24), pode-se dizer que:

[...] a criança que ainda não se alfabetizou, já folheia livros, finge lê-los, brinca de escrever, ouve histórias que lhe são lidas, está rodeada de material escrito e percebe seu uso e função, essa criança é ainda "analfabeta", porque não aprendeu a ler e a escrever, mas já penetrou no mundo do **letramento**, já é, de certa forma, **letrada**.

Pode-se afirmar pelo fragmento que a noção de pessoa letrada tem um sentido bem mais amplo, relacionando-se ao contato da leitura e escrita em uma diversidade de materiais exposto na sociedade ao mesmo tempo em que promove a participação do sujeito no âmbito social.

Para que se possa melhor compreender a diferença entre alfabetização e letramento e entre letrado e alfabetizado é conveniente que se conheça a opinião de Soares (2004, p.39 e 40), que servirá de subsídio para o entendimento em prática escolar.

um indivíduo alfabetizado não é necessariamente um indivíduo letrado; alfabetizado é aquele indivíduo que sabe ler e escrever; já o indivíduo letrado, o indivíduo que vive em estado de letramento, é não só aquele que sabe ler e escrever, mas aquele que usa socialmente a leitura e a escrita, pratica a leitura e a escrita, responde adequadamente às demandas sociais de leitura e de escrita.

Desse modo, leva-se o letramento a escola, pois esta possui condições favoráveis no que diz respeito a usar estratégias de avaliação e qualificação do aluno sob diferentes visões que auxiliam no momento de distinguir um aluno letrado de outro não letrado; vale ressaltar que para realizar esta distinção nas práticas de letramento não se pode realizar uma avaliação padronizada, pois, deixará de existir a interação social entre os alunos como afirma a pesquisadora Iveuta Lopes (2006, p.50):

os usos e funções da escrita em uma mesma sociedade, sinalizam para a constatação de que o letramento não pode ser avaliado em termos padronizados e universais que tendem a estabelecer uma distinção entre letrado e não letrado. Em vez disso, devem levar em conta que os usos, funções e significativos da escrita são diferenciados em cada contexto específico de realização.

Desta maneira, a escola seleciona práticas de letramento para serem desenvolvidas dentro do período do calendário escolar.

Concomitante a teorias citadas anteriormente Lopes (2008) em explanação em sala de aula afirma que “letramento é uma teoria científica com práticas sociais de uma língua”, teoria esta que pode ser desenvolvida em qualquer grupo independente do meio político, cultural, econômico e social. Com isto, pode-se falar em minorias, ou seja, letramento e minorias que envolvem práticas educacionais em grupos pequenos esses podendo ser de negros, de mulheres, mas que no momento será realizado à comunidade surda no meio ouvinte.

Em vários estudos, o objeto de análise nas práticas de letramento é a presença da oralidade, pois para se conseguir êxito nessas práticas, a criança participa de eventos de letramento, através de histórias contadas a ela, como por exemplo, contos infantis. Sendo assim, a criança consegue fazer relações da história ouvida com práticas vivenciadas no seu cotidiano.

Com o letramento dá início a vários questionamentos educacionais quando o assunto é em inclusão e, principalmente, quando se trata da inclusão de surdos a questão se sobressai diz respeito ao modo de, como adquirir práticas de letramento com alunos surdos na ausência da oralidade? Como devo fazer para ensinar esse aluno se não conheço o significado dos gestos que ele usa?

Antigamente tinha-se uma visão de que os surdos eram pessoas que estavam pagando algum pecado, eram doidos e que eles não precisavam estudar, pois acreditava-se que os estudos de nada adiantaria aos surdos, como expressa Goldfeld (2002, p.27): “na antiguidade os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados.”

Com o passar do tempo foi-se percebendo que os surdos são pessoas com idéias sutis, complexas e abstratas, eles podem discutir filosofia, literatura, política, além de esportes, trabalho e moda. Desta forma, os surdos vêm sendo motivos de pesquisa por vários estudiosos.

Os gestos utilizados pelos surdos servem de comunicação entre eles e os ouvintes, recebendo um nome específico que é a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), hoje reconhecida como 2ª língua oficial no Brasil.

A Libras para os surdos é semelhante a língua portuguesa para os ouvintes, pois é quem estabelece relação do aluno com o mundo. Como afirma Ferreira Brito (In: BOTELHO, 2002, p. 95), “A língua de sinais, [...] representa para o surdo o mesmo que a fala representa para o ouvinte no processo de letramento”.

Para se ensinar a língua portuguesa é necessário que se obedeça algumas regras apresentadas na gramática que lhe é própria; Da mesma forma a língua de sinais possui regras próprias que devem ser observadas em seu ensino e existe entre essas duas línguas uma semelhança, uma vez que ambas são estruturadas a partir de unidades mínimas que formam unidades mais complexas, ou seja, as duas possuem os seguintes níveis lingüísticos: o fonológico, o morfológico o sintático e o semântico.

Para que o surdo se desenvolva em seu meio social antes de passar para a construção da linguagem e escrita ele tem que dominar a língua de sinais e junto a ela, expressões faciais, movimento do corpo etc, como afirma Quadros (2006, p.26) “Os alunos surdos precisam tornar-se leitores na língua de sinais para se tornarem leitores na língua portuguesa”.

No entanto, a língua de sinais é a primeira língua do surdo e é através dela que a criança surda terá seu primeiro contato com o mundo e a escola, com ela a criança aprenderá a língua portuguesa. Mesmo assim, a escola não reconhece a situação bilíngüe do surdo e rejeita de forma intolerante qualquer manifestação lingüística diferente, tratando muitas vezes os alunos surdos como “deficiente lingüístico”, como se pode observar nas palavras de Quadros (2006, p.30). “[...] a realidade em nosso país é essa, ainda a criança surda deve pular o rio de um lado para outro sem ter uma ponte. Assim, a criança vai ser alfabetizada em língua portuguesa sem ter sido “alfabetizada” na língua de sinais.”

Nesta visada, é preciso olhar para o surdo como uma pessoa capaz, repleta de possibilidades e não apenas para um aspecto constitutivo que apresente um grau de deficiência. É necessário que o surdo seja visto e tratado como um cidadão que pode produzir e que se mostra capaz de integrar-se em todos os meios sociais.

### **Leitura, escrita e análise lingüística**

Nos últimos anos o ensino de língua portuguesa vem sendo aperfeiçoado por lingüísticas, que reconhece a necessidade de repensar conteúdos, metodologias e condições de trabalho do professor de ensino fundamental. Essa postura associa o ensino das regras gramaticais a um contexto de uso afetivo da língua. Com isso realiza-se interações sociais, culturais e históricas entre o falante e sua língua. Hoje é difícil imaginar uma pessoa sem o uso da leitura e escrita, pois a cada instante a pessoa se depara com uma situação que requer a prática de um ou de outro, simultânea ou individualmente.

Destacamos para melhor compreensão do termo leitura, a definição que se encontra nos parâmetros curriculares de língua portuguesa (MEC / SEF, 1998, pp. 69-70) terceiro e quarto ciclos (do ensino fundamental).

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretações do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. não se trata de extrair informações, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de relação, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que se está sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensão, avanço na busca de esclarecimentos, validarem no texto suposições feitas.

A produção textual não se difere da leitura, pois no momento em que o leitor inicia sua prática de interpretação no meio social e cultural escolar inicia-se também uma prática de letramento, o aluno está realizando uma produção, mostrando assim, que, para se desenvolver um texto existem várias maneiras de elaboração podendo ser oral, escrito, visual, etc. Assim sem a leitura não há escrita significativa e, portanto, inexistente o letramento. Para Marcuschi (2004, p.9),

[...] falar ou escrever bem não é ser capaz de adequar-se as regras da língua, mas é usar adequadamente a língua para produzir um efeito de sentido pretendido numa dada atuação. Portanto é a intenção comunicativa que funda o uso da língua e não a morfologia ou a gramática.

Desse modo, pode-se inferir que é por meio da LIBRAS a língua materna do surdo que se mostrará ao aluno surdo que a língua escrita realmente significa algo. Traduzir diferentes tipos de textos e de mensagens escritas na Língua de Sinais possibilitando a criança entender a razão do texto escrito. Dessa maneira, o aluno surdo terá uma grande participação em sala de aula, pois o mesmo, não se sentirá inferior aos alunos ouvintes e conseguirá realizar práticas de leitura e produção textual desenvolvendo a prática de análise lingüística sem que haja um confronto direto com os aspectos cognitivos de sua língua.

E ainda Marcuschi (2007, p.19) que afirma:

A escrita é usada em contextos sociais básicos da vida cotidiana, em paralelo direto com a oralidade. Estes contextos são entre outros:

- a vida burocrática
- a atividade intelectual
- trabalho
- a família
- a escola
- o dia-a-dia

Em cada um desses contextos o surdo também está inserido mesmo não possuindo práticas de oralidade, ele também consegue desenvolver a escrita, a este mesmo contexto social, realizando paralelos diretos entre Escrita/Libras.

Segundo Higounet (2003, p.09) “a escrita é mais que um instrumento. Mesmo emudecendo a palavra, ela não apenas a guarda, ela realiza o pensamento que até então permanece em estado de possibilidade”. Ressaltando que o aluno surdo é capaz de criar suas próprias opiniões, de escrever o que pensa e ainda possui uma toda capacidade de criar seu ponto de vista de determinados assuntos, pois a escrita leva o aluno a viajar a um mundo de idéias, observando o espaço, o tempo e o contexto.

Com isto, aplica-se a análise lingüística, sem que o aluno não se sinta pressionado, pois a partir do momento que ele faz uma relação com a sociedade, está colocando em prática o conteúdo abordado. Segundo Koch (2001, p.176)

[...] o falante toma posição sobre o conteúdo fixado linguisticamente no enunciado, jogando entre as duas categorias básicas; realidade e não-realidade. A partir daqui constroem-se as escolas possíveis: certeza e incerteza, suposição, condição, necessidade, exigência, possibilidade ou impossibilidade de um dado acontecer, etc.

Com estes fundamentos questionáveis anteriormente facilita o ensino de língua materna, sobretudo nos aspectos de análise lingüística nos diversos segmentos da língua em cada momento de sala, a fim de que o aluno questione o que é preciso ser realizado, selecionado entre o texto, produção textual e a sua vivência social.

Como o foco da pesquisa era a investigação do ensino de língua portuguesa para surdos com base nas teorias de letramento, desenvolveu-se uma pesquisa etnográfica que permitiu o conhecimento da escola, momento em que foi possível observar que a esta é de pequeno porte e atende somente 19 alunos surdos e 460 alunos ouvintes dos turnos manhã e tarde, atende também no turno da noite tendo dois alunos surdos e cento e quarenta ouvintes, porém, o foco da pesquisa ficou somente com o turno da tarde com uma das turmas de sétimo ano (6ª série), ou seja, a 6ª B, contendo somente treze alunos dividindo-se em 05 surdos e 08 ouvintes, ressaltando que entre os surdos há apenas um homem e segundo as professoras e as observações realizadas é o aluno que se sobressai melhor nas atividades.

No que se refere à estrutura física, a escola é constituída de 12 salas de aula, 01 diretoria, 01 sala de professores que também funciona como uma espécie de sala de apoio e uma biblioteca ao mesmo tempo, 01 secretaria, 01 sala de vídeo, 01 depósito, 03 banheiros, 01 cozinha, área coberta e uma pequena quadra de esportes. Na escola há também alguns recursos disponíveis como um retro projetor, materiais didáticos e outros.

Durante a execução do projeto enfrentou-se algumas dificuldades; Uma delas foi conseguir envolver os alunos surdos entre ouvintes, pois apesar de a escola ser inclusiva, os alunos surdos dentro da sala sentavam-se em um canto mais específico, o lado esquerdo, enquanto os ouvintes tomavam conta da maior parte da sala, mesmo nos trabalhos extra-classe que lá existiam.

Isso demonstra os desafios que aguardam o profissional de educação que trabalha com surdos, conforme observa Lacerda (2000, p.4).

Quando se opta pela inserção do aluno surdo na escola regular, esta precisa ser feita com muito cuidado visando garantir sua possibilidade de acesso aos conhecimentos que estão sendo trabalhados, além do respeito por sua condição lingüística e por seu modo peculiar de funcionamento.

Nesse sentido, cabe ressaltar que a escola ainda possui falha em sala de aula, na qual, muitas vezes, o aluno surdo é prejudicado, pois o mesmo já enfrenta dificuldade de conhecer outra língua, assistir aula com professores que não sabem libras e que se voltam, maior parte do tempo, para os alunos ouvintes. Com isso, os alunos surdos tiveram um pouco de dificuldade em produzir textos, pois os mesmos quase não praticam a atividade de escrever. E em relação a interpretação e à análise lingüística gestual todos se sobressaiam, até melhor que os ouvintes, pois dedicaram uma atenção incrível aos textos e ao conteúdo abordado.



Para uma plenitude do desenvolvimento do trabalho, utilizou-se textos em cartazes, todas as leituras eram antecipadas de dinâmicas que utilizavam papéis, pincéis, lápis e cadeiras.

As gravuras foram apresentadas em um retroprojeto, também foram distribuídas xérox das gravuras para todos os alunos junto a lápis de cor, com o intuito de um melhor aproveitamento. Como por exemplo, as figuras<sup>1</sup> abaixo:

Sequência de gravuras utilizada (baseada em Shapiro & Hudson, 1997)

Fig. 1



Fig. 2

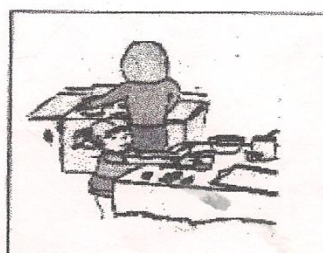


Fig. 3



Fig. 4

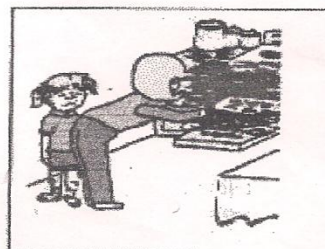


Fig. 5



Fig. 6



Esta se desenvolveu dividindo a turma em cinco duplas sendo um aluno surdo e outro ouvinte e outro grupo de três alunos ouvintes houve uma apresentação de imagens em um retroprojeto que neste momento iniciou o plano de mediação que serviu para envolver os alunos na aula, fazer perguntas, conduzi-los a lidar com o novo, pois para Vygostky in SENAI (1989):

a mediação incide sobre o que ele chamou de zona de desenvolvimento proximal. Esse conceito se refere à distancia entre o nível de desenvolvimento real, que pode ser determinado pelo modo como o aluno resolve, sozinho, as situações apresentadas, e o nível de desenvolvimento potencial, que se refere ao que o aluno é capaz de resolver, quando mediado pelo o docente

Portanto, entende-se que a mediação ajuda aos alunos principalmente os surdos a realizar perguntas não somente direcionadas ao conteúdo, mas também que realizem uma interpretação com a sua vida cotidiana, dando a eles assim uma maior segurança de que são capazes de realizar todas as atividades voltadas ao seu social.

Como todos os alunos gostavam de desenhar e pintar foi entregue a cada dupla os desenhos do exemplo acima e pediu-se que colorissem, pode-se observar que os alunos estavam iniciando um contato inclusivo entre eles, em ensejo ao momento iniciou uma interpretação visual das imagens pedindo que os surdos sempre que possível desse o sinal de algum objeto contido em cada imagem e os alunos ouvintes o nome do mesmo, assim, desenvolvendo a explanação do conteúdo e realização de outras atividades todas relacionadas à leitura, produção textual e análise lingüística.

Pelos os olhares dos alunos surdos percebeu-se que eles estavam interessados e felizes, no momento das leituras dos textos via-se a atenção deles principalmente no auxílio de algumas palavras das quais professora não lembrava o sinal, por isso ela pedia ajuda dos surdos e sempre tinha um retorno, satisfatório para a realização do trabalho.

### **Considerações finais**

O presente trabalho busca apresentar ao público a importância do ensino de língua portuguesa para surdos com práticas de letramento, palavra esta que ainda é nova nos dicionários, mas que já é de uma extrema importância ao ensino no país. Observa-se que apesar de a escola ser inclusiva sofre bastante, pois infelizmente a maioria dos professores não conhece a LIBRAS e os poucos que a conhecem, muitas vezes, não querem ter muito trabalho, com isso, prejudicam a educação dos alunos surdos.

Os resultados obtidos neste trabalho servirão para que outros professores olhem para os surdos e os vejam capazes de realizar atividades existentes na escola.

Servirá também, para demonstrar que letramento na educação de surdos é como um copo de água para o ser humano, pois a partir do momento em que se sente sede, procura-se a melhor água e sacia-se a sede. Assim é a educação, deve-se sempre procurar a melhor maneira de ensinar e avaliar o aluno, sem que isto o prejudique. De acordo com esse relato e relacionando a fundamentação teórica do trabalho verá que letramento está presente em todo este processo educacional, ressaltando que a LIBRAS é de uma grande importância para que este trabalho seja desenvolvido de maneira correta, pois a mesma leva o aluno a se comunicar com o mundo.

Outro fato a ser destacado neste trabalho é que os alunos surdos possuem uma força de vontade enorme para estarem ali naquela escola junto com os ouvintes, estão sempre dispostos a aprender e procurar, às vezes, realizar uma competição sadia com os ouvintes no momento da realização das atividades, assim ajudando-os em meio social e cultural.

Portanto, não se pretende com esse trabalho mudar a metodologia da escola e muito menos o ensino já existente, mas sim, demonstrar que os alunos surdos lá inseridos são pessoas



que podem ler textos, fazer interpretações, produzir textos e não só conhecer, mas também colocar em prática análise lingüística, claro, respeitando as regras existentes na língua de sinais.

Assim, conclui-se que o aluno surdo, vivenciou práticas de letramento aprendeu o conteúdo apresentado e que superou as expectativas, mesmo com todas as dificuldades lá encontradas.

## Referências

- BOTELHO, P. *Linguagem e letramento na educação dos surdo ideologias e práticas pedagógicas*, Belo Horizonte: Autêntica, 2002
- GOLDFELD, Márcia. *A Criança surda: Linguagem e cognição numa perspectiva sóciointeracionista*. São Paulo: Plexus, 2002.
- HIGOUNET, Charles, 1911-1988. *História concisa da escrita*, São Paulo: Parábola Editoria, 2003.
- LACERDA, C.B.F de. *A inserção da criança surda em classe de crianças ouvintes: focalizando a organização do trabalho pedagógico*. UNIMEP, 2000. Disponível em: < [www.amped.org.br](http://www.amped.org.br) >. Acessado em 09 out. 2009.
- LOPES, Iveuta de Abreu. *Cenas de letramento sociais*/Recife: Programa de Pós-graduação em letras da UFFE, 2006.
- MARCUSHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2007.
- MORTATTI, Maria do Rosário Longo. *Educação e Letramento*. São Paulo: UNESP, 2004.
- Parâmetros Curriculares Nacionais. 2. *Língua Portuguesa: Ensino de quarta a oitava série* Brasília: MEC / SEF, 1998.
- QUADROS, Ronice Müller de: *Idéias para ensinar português para alunos surdos*. Brasília: MEC, SEESP, 2006.
- Serviço de Nacional de Aprendizagem Industrial. Departamento Nacional. Norteador da pratica pedagógica: *Formação com base em competências*/SENAI/DN. Brasília 2006.
- SOARES, Magda. *Letramento: Um tema em três gêneros*/Magda Soares. 2 ed., 9. reimpr – Belo Horizonte: Autentica, 2004
- VILELA, MÁRIO; KOCH, INGEDORE VILLAÇA. *Gramática da língua portuguesa*. Livraria Almeida. Coimbra. Portugal, 2001.